Claraboia

Bernardo Liu

Bernardo Liu
(Rio de Janeiro, 1992)

A pesquisa de Bernardo Liu opera entre memória afetiva e deslocamento cultural, explorando como heranças orientais sobrevivem, se transformam e se reorganizam no cotidiano brasileiro. Descendente de imigrantes chineses, Liu lida com a ancestralidade não como retorno a uma origem fixa, mas como camada instável, marcada por lacunas, apagamentos e reinvenções. Sua obra opera nesse intervalo, onde tradição, nostalgia e globalização se entrecruzam sem síntese.

Um aspecto central de sua prática é a criação do que o artista chama de “tapeçarias afetivas”, superfícies visuais que acumulam signos, objetos e referências que funcionam como fragmentos de histórias familiares e culturais. Esses elementos raramente aparecem de forma direta ou narrativa; ao contrário, surgem como vestígios, ecos ou indícios, compondo uma visualidade que fala mais de presença residual do que de representação explícita.

Para Liu, a ancestralidade não é um símbolo estático, mas um modo de circulação.
Suas obras tratam de como os objetos (de porcelanas a pequenos talismãs orientais, de padrões gráficos a itens domésticos) carregam camadas de sentido que atravessam gerações, migrações e fronteiras simbólicas. Investiga a trajetória desses objetos como parte de uma economia global marcada por consumo, exotização e deslocamento, mas também por afeto, cuidado e memória.

A globalização, em sua poética, não aparece como tema abstrato, e sim como fenômeno vivido: o cruzamento entre Rio de Janeiro e China acontece no nível do corpo, da casa, da lembrança. Seus trabalhos problematizam a condição híbrida do sujeito diaspórico, que habita simultaneamente uma cultura herdada e uma cultura vivida, sem que nenhuma delas se imponha de modo absoluto.

Assim, a obra do artista constrói uma visualidade onde memória, deslocamento e imaginário doméstico formam uma trama não linear, nem totalmente legível, mas profundamente afetiva.

Ele reinscreve no presente aquilo que persiste pelas bordas: pequenos objetos, gestos cotidianos, restos de imagens que funcionam como âncoras de identidade. Sua prática mostra que a memória oriental no Brasil não é apenas um arquivo histórico, mas uma matéria viva em constante negociação, carregada de tensão e delicadeza.

Foto: Rafael Adorján

“A maturidade do artista, construída ao longo do tempo de produção, aproxima-se de uma década e reflete um aprimoramento técnico que acompanha seu desenvolvimento poético. Nesse momento específico de sua trajetória, as figuras parecem ganhar maior liberdade para emergir no espaço da tela, como se o artista encontrasse mais confiança para sustentar uma suspensão, que lhe é agora característica, em termos de atmosfera. Nesse momento, no lugar do interesse, talvez intuitivo, pela ideia de glitch e pela sobreposição de imagem através do ruído, entra em cena uma composição mais amadurecida, interessada no espaço da composição e na sobreposição de manchas, e como habitá-la com seu repertório simbólico.

Nesse sentido, no lugar do apego ao sistema de cor das telas, comum ao universo do design, surge uma paleta ao mesmo tempo terrosa, atravessada por tons azulados e por um verde característico, cuja intensidade remete a uma mata fechada. Nas pinturas de maior escala, a relação entre figura e fundo reflete um estado em que a matéria e a atmosfera pictóricas parecem entrar em consonância com a matéria da memória. A atmosfera onírica passa a rimar com os procedimentos da própria pintura. Os diferentes tratamentos cromáticos e, sobretudo, os de textura, um deles possibilitado pelo processo de raspagem do excesso de tinta, tornam-se centrais na construção dessa visualidade. O fundo frequentemente aparece como o território de sustentação dos objetos pintados em primeiro plano, imantando o espaço da imagem. Da fragilidade nasce a suspensão, quando a tinta é capaz de reabsorver o possível vórtice e transformar essa instabilidade em uma forma de dar chão à memória.”

Daniela Avellar,
Trecho do texto *Veredas e lembranças*

Claraboia



Depois de sonhar no sofá, 2026
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
120 × 150 cm

Foto: Estúdio Quadrante



Claraboia



Vagalumes, 2026
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Estúdio Quadrante



“As pinturas pequenas, por sua vez,
evidenciam de maneira mais enfática
o repertório figurativo do artista.
Os objetos que, nas pinturas maiores,
parecem flutuar, aqui se mostram
de forma mais direta, dando notícias
de como a memória nos chega e
do sonho como catapulta para um
pensamento fragmentário e, por isso
mesmo, criativo e fabular.”

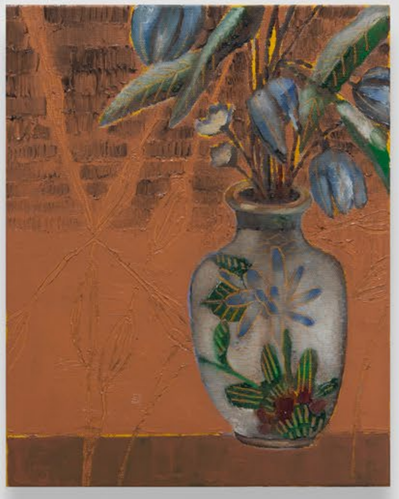
Daniela Avellar,
Trecho do texto *Veredas e lembranças*

Claraboia









Mirtilo, 2026
Jabuticaba, 2026
Sapucáia, 2026
Jambo, 2026

Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
30 × 24 cm (cada)

Foto: Estúdio Quadrante



Claraboia



Altar Ruína, 2026
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Estúdio Quadrante



Claraboia



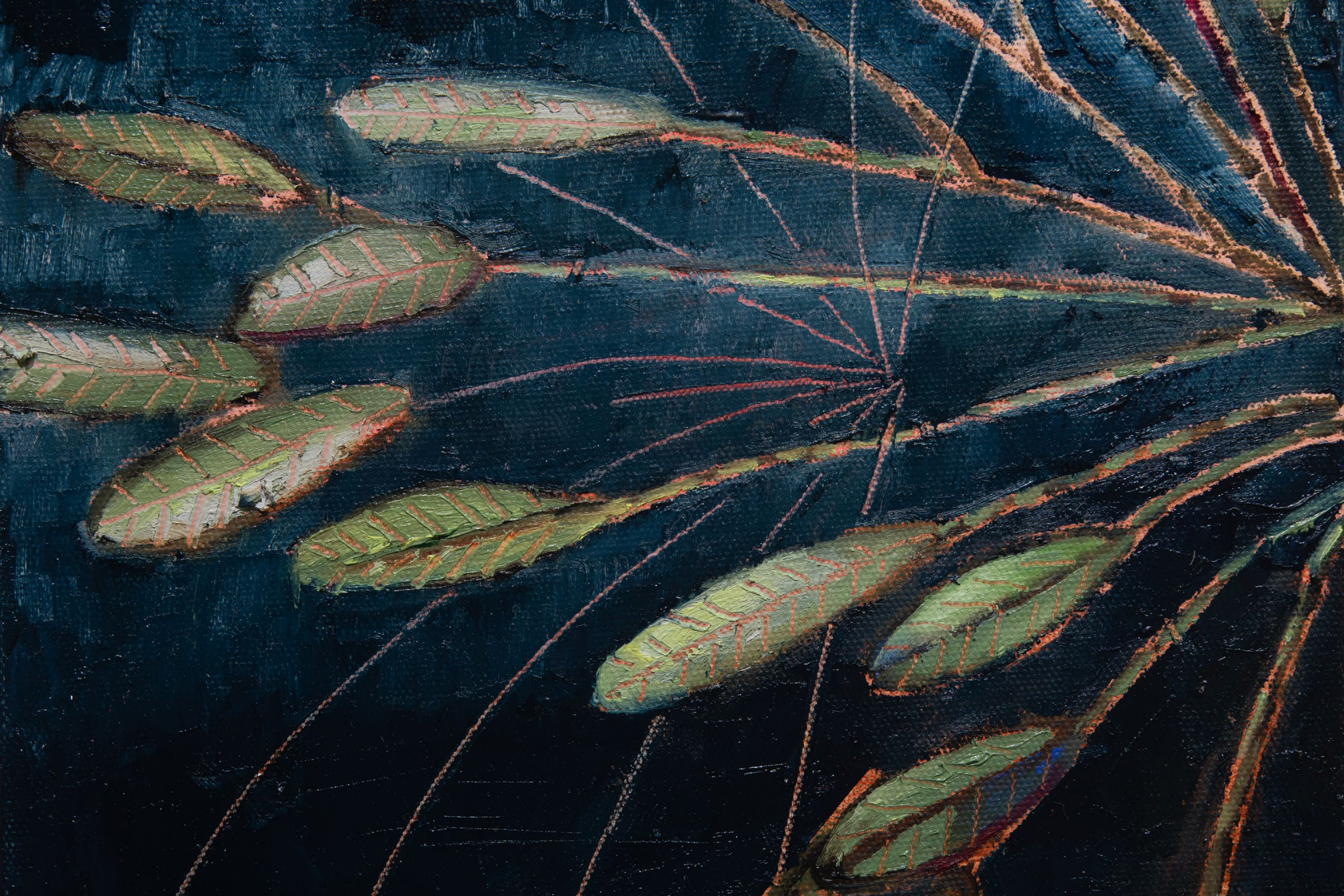




Espelho D'água, 2026
Facheiro-da-praia, 2026
Litchi Chinensis, 2026

Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
30 × 24 cm (cada)

Foto: Estúdio Quadrante





Claraboia



Pólen Terracota, 2026
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Estúdio Quadrante



Claraboia



Quente Café, 2026
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Estúdio Quadrante









Cipó, 2026
Prata Manica, 2026
Veredas e Lembranças, 2026

Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
30 × 24 cm (cada)

Foto: Estúdio Quadrante



“Os objetos que atravessam sua obra — figuras de porcelana, vasos e cerâmicas, animais, artefatos domésticos e, em certos momentos, materiais efêmeros como embalagens e recortes de papel — não operam apenas como motivos formais, mas como arquivos afetivos, capazes de reativar narrativas de passagem, trabalho e pertencimento. Muitas vezes encontrados em livros, antiquários ou restos urbanos, esses objetos carregam temporalidades sobrepostas, oscilando entre preservação e esquecimento.

Eles evocam a tensão entre o ‘aqui’ e o ‘lá’, entre memórias ligadas às primeiras experiências chinesas no Brasil (...) e as paisagens urbanas contemporâneas que estruturam o presente do artista.”

Pedro Scudeller,
Trecho do texto *Vestígios em trânsito*

Claraboia



Mato Rosa, 2026
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Julia Thompson

Claraboia



Fruta Ferro, 2026
Óleo e bastão oleoso sobre tela
180 × 130 cm

Foto: Estúdio Quadrante



Claraboia



Calafate de arame, 2026
Óleo e acrílica sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Estúdio Quadrante

Claraboia



Lembranças, 2025
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
100 × 80 cm

Participou do 53º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto

Foto: Sergio Guerini

53º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto
Santo André, São Paulo, Brasil, 2026

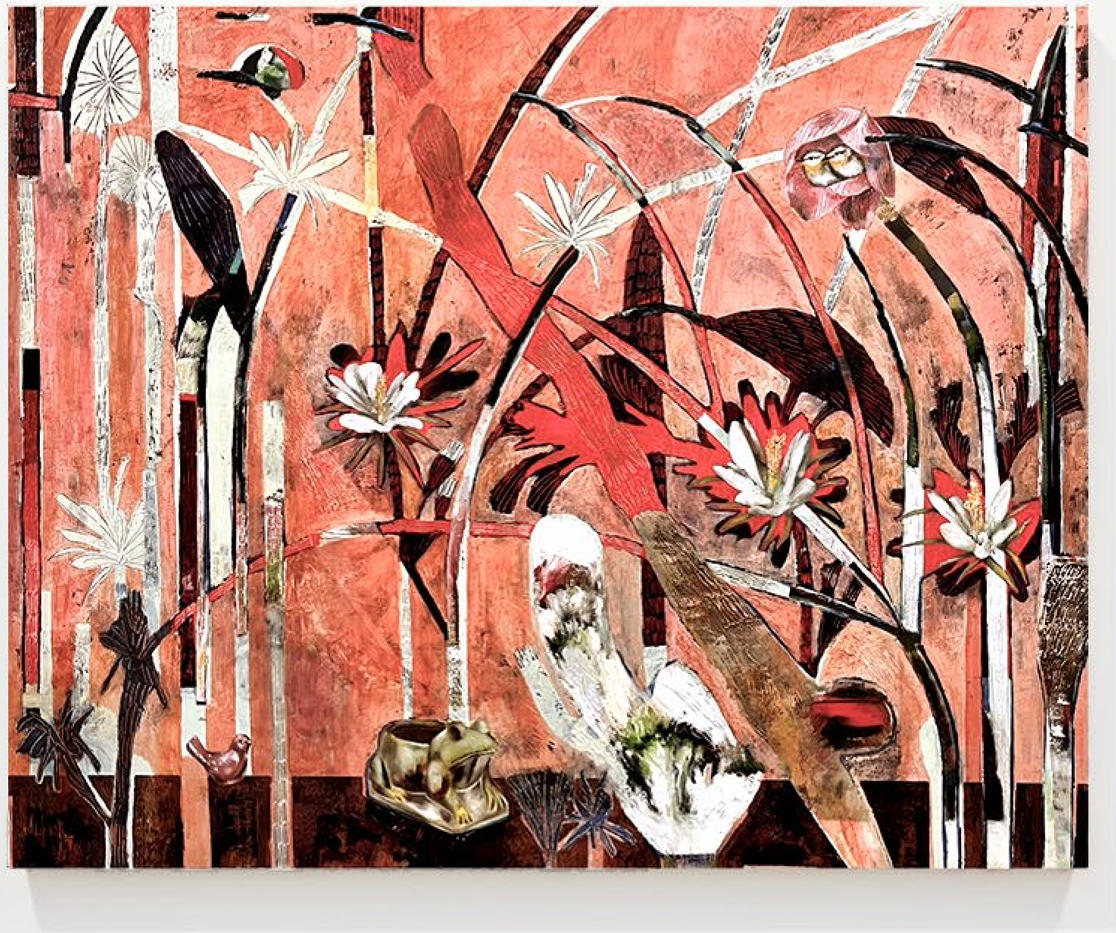
Foto: Sergio Guerini



53º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto
Santo André, São Paulo, Brasil, 2026

Foto: Sergio Guerini

Claraboia



Águia não come mosca, 2025
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Participou do 54º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba

Foto: Bernardo Liu

Claraboia



Ba Bao Fan, 2025
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Bernardo Liu



Claraboia



Descanso, 2025
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Bernardo Liu

Claraboia



Quase 6 da noite, 2024
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Bernardo Liu

“Com a série *Feito com amor*, um conjunto de marmitas pintadas pelo artista forma um círculo. Aqui, fragmentos da imagética que define, de alguma forma, a identidade do artista estão postas à mesa. Um copo de guaraná, uma nota de dez reais, uma embalagem de miojo e uma lata de cerveja coexistem assim ao lado de bibelôs de porcelana representativos da cultura oriental, compondo uma espécie de mesa agridoce onde arte e comida se fundem e referências culturais se encontram.”

Julie Dumont,
Trecho do texto da exposição *Ba Bao Fan*



Foto: Estúdio Quadrante



Série *Feito com amor*, 2024
Tinta acrílica sobre papel, embalagem de alumínio e cerâmica
19 × 19 × 6 cm
Vista da exposição individual *Ba Bao Fan*, Galeria Refresco, Rio de Janeiro, 2025

Foto: Estúdio Quadrante







Ba Bao Fan
Exposição individual com curadoria de Julie Dumont
Galeria Refresco, Rio de Janeiro, 2025

Foto: Estúdio Quadrante

“O vermelho, além de ser a cor do pau-brasil, também pode representar fogo, felicidade e prosperidade (e não à toa uma série de pequenos formatos desta cor abrem a exposição, como tantos patuás ou amuletos de boa sorte), o verde, além da vegetação tropical, evoca saúde, esperança e harmonia enquanto o azul do céu e do mar também remete à vida longa, cura e confiança.

Neste caleidoscópio de referências, afetos e lugares, Bernardo Liu estabelece sob a proteção da serpente que acompanha este novo ciclo, um retrato pessoal de um Brasil plural, rico em afetos e elementos trazidos de culturas distantes, inseridos no cotidiano mestiço. Assim, o artista convida o público para uma celebração despretensiosa, uma mesa aberta com guaraná ginseng, miojo, arroz doce e feijão salgado. Uma homenagem visual à riqueza de um mundo plural, onde o kitsch, o simbolismo e o desejo de pintura se mesclam com a intencionalidade de um cozinheiro que, a fogo lento, elabora uma receita capaz de despertar memórias e emoções há muito tempo enterradas.”

Julie Dumont,
Trecho do texto da exposição *Ba Bao Fan*







Ba Bao Fan
Exposição individual com curadoria de Julie Dumont
Galeria Refresco, Rio de Janeiro, 2025

Foto: Estúdio Quadrante



Ba Bao Fan
Exposição individual com curadoria de Julie Dumont
Galeria Refresco, Rio de Janeiro, 2025

Foto: Estúdio Quadrante

Ba Bao Fan
Exposição individual com curadoria de Julie Dumont
Galeria Refresco, Rio de Janeiro, 2025

Foto: Estúdio Quadrante

Claraboia



Cavalo Pequinês, 2024
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
40 × 50 cm

Foto: Bernardo Liu

Claraboia



Um dia após o outro, 2023
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
150 × 120 cm

Foto: Bernardo Liu

Claraboia



Igarapé, 2023
Óleo, acrílica e bastão oleoso sobre tela
100 × 80 cm

Foto: Bernardo Liu

“À medida em que Liu resguarda as memórias de seus ancestrais chineses, inevitavelmente incorpora as visuais. O Saara, onde está situado o Largo das Artes, é o lugar no Rio de Janeiro que melhor condensa tal miscelânea. (...) As diferentes faces do ‘Oriente’ aqui se encontram para encenar não somente as trocas comerciais, mas também, simbólicas e culturais, que se estendem desde o Brasil pré-colonial. A pesquisa de Liu costura essa pluralidade por meio de pinturas sobre tela e papel de seda, instalações e objetos, que o próprio artista considera como ‘tapeçarias afetivas’ capazes de conduzir o espectador a viagens transtemporais.”

Rubens Takamine,
Trecho do texto da exposição *Ginseng*

Ginseng
Exposição individual com curadoria de Rubens Takamine
Largo das Artes, Rio de Janeiro, Brasil, 2024

Foto: Manuel Aguas







Ginseng
Exposição individual com curadoria de Rubens Takamine
Largo das Artes, Rio de Janeiro, Brasil, 2024

Foto: Manuel Aguas





Ginseng
Exposição individual com curadoria de Rubens Takamine
Largo das Artes, Rio de Janeiro, Brasil, 2024

Foto: Manuel Aguas

Bernardo Liu

(Rio de Janeiro, 1992)

Exposições individuais

2025
Ba Bao Fan, curadoria Julie Dumont, Galeria Refresco, Rio de Janeiro, Brasil

2024
Ginseng, curadoria Rubens Takamine, Largo das Artes, Rio de Janeiro, Brasil

2023
Catavento23, São Cristóvão, Rio de Janeiro, Brasil

Exposições coletivas

2026
Falácia Natural, curadoria Shion, Galeria Refresco, Rio de Janeiro, Brasil

53º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto

2025
Moscas Voltantes, curadoria Bia Coslovsky, Virtua3000, Rio de Janeiro, Brasil

Oasis Graal, curadoria Virtua3000, Caroço, São Paulo, Brasil

54º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba

2024
O mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres, curadoria Fabricio Faccio, Museu da Cidade, Rio de Janeiro, Brasil

2023
TANGRAM, curated by Daniela Avellar, Rio de Janeiro, Brazil

2022
Antimoda, Martha Pagy Escritório de Arte, Rio de Janeiro, Brasil

Quermesse, curadoria Pollyana Quintella e Cadu, Instituto Inclusartiz, Rio de Janeiro, Brasil

2021
Os melhores artistas de todos os tempos da última semana, curadoria Gustavo Matos e Bob N, Galeria Úmida, Rio de Janeiro, Brasil

2020
Desvio, Arroba Galeria, Rio de Janeiro, Brasil

Como nos movemos, como queremos nos mover, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil

2019
Patifaria, Titocar Poético, curadoria Carla Oliveira, Maricá, Rio de Janeiro, Brasil

Cofre #1, curadoria coletivo Só na Correria, Espaço Apis, Rio de Janeiro, Brasil

Bicho, Casa Bicho, Rio de Janeiro, Brasil

2018
9FCCP, curadoria Bob N., Galeria Úmida, Rio de Janeiro, Brasil

Residências

2021
Refresco, Rio de Janeiro, Brasil

Formação

2022
Imersões Poéticas com Pollyana Quintella e Cadu, Escola sem Sítio, Rio de Janeiro, Brasil

2019
Imersão “NÓS” com Clarissa Diniz, EAV Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil

Programa Formação e Deformação, EAV Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil

2018
Design – Comunicação Visual, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, Brasil

Claraboia

+55 11 99407-2842

contato@claraboia.art.br

@claraboia.art

www.claraboia.art

Al. Gabriel Monteiro da Silva, 2906